

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções x-mente no português do Brasil

Gabriela Farley Meireles Zambí¹

RESUMO: *O trabalho investiga a relação entre as formações adverbiais no português do Brasil, buscando identificar em que medida as características morfológicas e sintáticas dos adjetivos adverbializados influem no fato de estes apresentarem, em um mesmo contexto sintático, construções x-mente correspondentes.*

PALAVRAS-CHAVE: *Formações adverbiais; Advérbio; Adjetivos adverbializados; Formação de palavras; Flutuação categorial.*

*A vida não me chegava nem pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque é ele que fala gostoso o português do Brasil²*

Introdução

As gramáticas normativas tendem a focalizar apenas um processo de formação de advérbios. Este consiste na adjunção do sufixo –mente a bases adjetivas uniformes e/ou flexionadas no gênero feminino³, como é possível observar em felizmente, velozmente; calmamente, vagarosamente.

O processo de formação de advérbios no português do Brasil não se restringe, no entanto, as construções x-mente, uma vez que também é frequente o uso de adjetivos com função de advérbios, tais como: (jogar) *sujo*, (responder) *rápido*, (respirar) *fundo* etc. Esse uso não é reconhecido em alguns compêndios gramaticais (cf. SAID ALI, 1969); e, em outros (cf. CUNHA & CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1998 e BECHARA, 2009), apesar de serem citados exemplos de adjetivos adverbializados, não se explicitam quais aspectos sintáticos (distribucionais e/ou funcionais) e semânticos os caracterizam.

Embora oriundos de processos produtivos, os adjetivos adverbializados (doravante AAs) e os advérbios em –mente são examinados nas gramáticas tradicionais e nos estudos de orientação linguística isoladamente⁴. Quando são feitas menções à

¹ Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

² Fragmento do poema *Evocação ao Recife*, de Manuel Bandeira.

³ A necessidade de flexão da base adjetiva remonta ao latim vulgar, língua na qual se usava “duma locução que consistia em se juntar a um adjetivo qualquer no feminino a palavra *mens, tis* (espírito) no caso ablativo” (COUTINHO, 1972:264).

⁴ Constitui uma exceção a esse quadro, o trabalho de Barbosa (2006). Nele, a autora examina, em linhas gerais, a relação entre os AAs e os advérbios em –mente e conclui que, em

Gabriela Farley Meireles Zambí

relação entre os dois processos, estas restringem-se à apresentação de um AA e sua respectiva forma x-mente, como em (1).

- (1) a. O aluno escreve *correto*.
- b. O aluno escreve *corretamente*.

Levando em conta a ausência de um estudo mais aprofundado sobre o tema, objetivamos, neste trabalho, observar a relação entre os processos pelos quais podemos formar advérbios em português – denominados formações adverbiais por Basilio (2004) –, a fim de verificar se há um padrão geral de correspondência entre os AAs e as construções x-mente, a partir de uma mesma base adjetiva, em um mesmo contexto sintático e sem que haja alteração semântica relevante, conforme se vê em (2).

- (2) a. “[...] Chegou a chover *rápido* no final da manhã”⁵.
- b. Chegou a chover *rapidamente* no final da manhã.

Para tanto, inicialmente, examinaremos, em linhas gerais, o tratamento dado aos AAs em estudos de base gerativista e de orientação funcionalista. Em seguida, partindo de um *corpus* formado para o estudo, procederemos à análise dos dados. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

2. Os adjetivos adverbializados em estudos de base gerativista e de orientação funcionalista

Tomando como base os pressupostos da teoria gerativa, Lobato (2005) avalia que os “atributos tradicionalmente categorizados como adjetivos em uso adverbial” são, em verdade, adjetivos em função tipicamente adjetival, já que os escopos desses adjetivos não são formas verbais, mas propriedades nominais não manifestas. De acordo com a proposição da autora, no sintagma verbal *falar alto*, por exemplo, *alto* predica, em verdade, uma propriedade nominal não manifesta (voz) que se encontra

geral, não há correspondência de sentido entre os AAs e as respectivas formas X-mente, porque ora aqueles rejeitam-nas, ora apresentam uma construção correspondente em –mente, mas esta possui um sentido diferente daquele que tem o AA.

⁵ Extraído de <http://www.climatempo.net/temporeal/114748/proximas_noticias>. Acesso em: 28 mar. 2010.

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções x-mente no português do Brasil

implícita na estrutura léxico-conceitual do verbo. Logo, *falar alto* equivale a *falar em voz alta*.

Salientamos que no posicionamento teórico de Lobato (2005) está pressuposto o fato de adjetivos e advérbios serem duas categorias lexicais distintas, em que cada qual é “definida por um tipo semântico específico que leva a uma dada distribuição sintática” (idem, p. 221). O mesmo, porém, não se verifica nos trabalhos de Moura Neves (2000), Barbosa (2006) e Basilio (1987, 1992, 2004), já que nestes as autoras reconhecem que embora adjetivos e advérbios pertençam a diferentes categorias lexicais, existe entre elas uma relação.

As relações entre essas duas categorias lexicais são frequentemente apontadas, na literatura corrente (BASILIO, 1992, 2004; ILARI et al., 1989, MOURA NEVES, 2000; BARBOSA, 2006), vistas como uma flutuação categorial entre adjetivos e advérbios.

A flutuação categorial entre adjetivos e advérbios é examinada por Moura Neves (2000) e Barbosa (2006) à luz da teoria funcionalista. Ambas autoras consideram que os AAs são fruto de um processo de gramaticalização, segundo o qual “itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA *et al.*, 1996:24). Basilio⁶ (1987, 1992 e 2004), entretanto, analisa os adjetivos adverbiais como um caso de conversão morfológica, no qual há a transposição de um item lexical da classe dos adjetivos para a dos advérbios, sem que haja alteração em sua forma fonológica.

Alinhamo-nos aos pressupostos teóricos de Basilio ao entender o fenômeno da adverbialização de adjetivos como um processo de conversão. Partindo desse entendimento, analisaremos, a seguir, noventa⁷ ocorrências de AAs que foram coletadas: a) na versão 8.0 do *corpus* do Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC) da USP São Carlos; b) em textos obtidos em consultas no *Google*; e c) em textos dos inquéritos D2/147 e D2/158 do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) RJ.

⁶ Apesar de Basilio (1987, 1992) ter a preocupação de compatibilizar o aspecto do conhecimento lexical com considerações relativas ao emprego das formações adverbiais, os trabalhos da autora são de orientação gerativa.

⁷ Embora tenhamos localizado noventa AAs, alguns deles como certo, claro, correto, positivo, legal funcionam não só como advérbios qualificadores, mas também como advérbios modalizadores asseverativos afirmativos. Dessa forma, analisaremos, em verdade, 95 ocorrências, sendo 84 destas referentes a AAs que exercem a função de qualificadores e 11, a de modalizadores.

3. Análise dos dados

Visando a proceder à análise dos dados, observaremos, de início, as características morfológicas e sintáticas dos AAs por nós coletados.

Do ponto de vista morfológico, a variabilidade dos AAs mostra-se, na literatura corrente, como um aspecto controverso. Alguns autores, como Cunha e Cintra (1985) e Barbosa (2006) consideram que embora o adjetivo esteja flexionado, ele pode não só predicar o sujeito, como também a forma verbal. Outros, como Bechara (2009) e Basilio (1992, 2004), defendem que o adjetivo com função de advérbio tem por escopo, fundamentalmente, o verbo. Ressaltamos que nosso posicionamento acerca do tema é convergente com o dos dois últimos autores citados, pois, como destaca Bechara (*idem*), a variabilidade é o que permite distinguir um adjetivo de um AA, uma vez que o primeiro concorda em gênero e número com o substantivo, enquanto o segundo não apresenta flexão em gênero e número. Dessa forma, consideramos que os AAs, assim como os advérbios, apresentam como característica mais marcante, no âmbito morfológico, a invariabilidade.

Do ponto de vista sintático, os AAs, que compõem o nosso *corpus*, inserem-se, de acordo com a proposta de Moura Neves (2000), no grupo dos advérbios modificadores. Dentro deste, mais especificamente, nos subgrupos dos qualificadores e dos modalizadores.

No que tange ao primeiro subgrupo, constatamos que, através do processo de conversão (cf. BASILIO, *op. cit.*), adjetivos passaram a funcionar também como advérbios qualificadores sem que haja a marca de acréscimo de ordem sufixal. Esses advérbios, que vêm pospostos ao verbo, modificando-o, correspondem a 88% das ocorrências do nosso *corpus*.

O segundo subgrupo é relativo aos AAs que funcionam como modalizadores asseverativos afirmativos. Essas construções adverbiais, que aparecem fundamentalmente em início de turno predicando sentenças, perfazem o total de 12% das ocorrências por nós coletadas.

Levando em conta o critério sintático, identificamos como escopo dos AAs verbos e sentenças. Não foram encontrados registros de AAs modificando adjetivos e advérbios. Isso revela uma tendência geral: a de que os AAs, essencialmente, não predicam formas adjetivas e adverbiais.

Em verdade, essa tendência já havia sido aludida, parcialmente, por Lobato (2005), pois a autora destaca em seu trabalho que as formas sem –mente são

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções x-mente no português do Brasil

bloqueadas (cf. ARONOFF, 1976), quando o atributo predica adjetivos e sentenças, sendo esses contextos típicos de advérbios e atípico de adjetivos.

Nosso ponto de vista converge com o de Lobato em relação ao fato de os AAs não modificarem adjetivos. Diverge, no entanto, no que diz respeito a estes não poderem apresentar formações em –mente correspondentes, quando predicam sentenças, porque encontramos exemplos, como (3), que servem para demonstrar que um AA pode admitir uma contraparte em -mente nesse contexto sintático.

- (3) – Professora, preciso das notas para lançar nos boletins.
– *Perfeito*, amanhã as entrego.
– *Perfeitamente*, amanhã as entrego.

O aspecto distribucional também contribui no sentido de ratificar a tendência a qual nos referimos, pois enquanto as construções em –mente apresentam maior flexibilidade posicional, os AAs, geralmente, ocorrem pospostos ao verbo.

Se tomarmos como base (4)-(5), observaremos que as formas em –mente modificam, respectivamente, um advérbio e um adjetivo e funcionam como intensificadores. Nesse contexto, no entanto, elas não apresentam construções equivalentes com AAs, porque estes, via de regra, não figuram em estruturas sintagmáticas verbais, em que haja um advérbio interposto entre o verbo e o adjetivo, como em (4a), ou entre aquele e o advérbio, conforme vemos em (5a).

- (4) a. Os relatórios foram *profundamente* revisados.
b. Os relatórios foram *profundo* revisados.
- (5) a. Maria anda *excessivamente* devagar.
b. Maria anda *excessivo* devagar.

Portanto, em contextos sintáticos nos quais formações adverbiais predicam adjetivos e advérbios, a incidência de AAs é nula⁸. Isso demonstra que o aspecto sintático é um dos fatores determinantes da não ocorrência de AAs, em comparação com formações x-mente.

⁸ Há apenas duas formações, que, em princípio, não comprometem essa hipótese, por se tratar de construções já cristalizadas pelo uso, a saber: *demasiado* e *justo*.

Há também outras variantes que influem na correspondência de um AA e uma forma x-mente, tais como as características morfológicas da base e o grau de informalidade do ato de fala. Observaremos, inicialmente, esses fatores em relação aos AAs que funcionam como advérbios qualificadores e passaremos, em seguida, aos que exercem a função de modalizadores.

3.1 - Adjetivos adverbializados que funcionam como qualificadores

3.1.1 – Características morfológicas da base

No que diz respeito às características morfológicas das bases adjetivas, identificamos que a maior parte dos AAs morfológicamente simples e também dos morfológicamente complexos em –nte, -(t)ivo, -al e –do que têm a função de advérbios qualificadores apresentam uma forma x-mente equivalente e/ou o sentido veiculado pela locução adverbial “de modo”, sem que haja alteração semântica relevante, conforme vemos em (6)-(11). O mesmo, porém, já não se verifica com os AAs que terminam em –oso, como em (12).

- (6) a. “Passe bem. O ferro desliza mais *fácil*...”
b. [...] o ferro desliza mais *facilmente*.
- (7) a. “Como comprar *direto* da China”⁹.
b. Como comprar *diretamente* da China.
- (8) a. “O voto é um direito e votar *consciente* uma obrigação”¹⁰
b. [...] votar *conscientemente* uma obrigação.
- (9) a. “Algumas pessoas que iniciam na auto-ajuda são tomadas pela neurose de não pensar *negativo* nunca”¹¹.

^{9a} Extraído de <<http://www.informaniaco.com.br/tutorial/como-comprar-direto-da-china>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

^{9b} Observamos que *direto* é também utilizado com outro sentido: o de algo que ocorre reiteradamente, frequentemente. Ex. Mário e Clara brigam *direto* [brigam frequentemente]. Embora esse sentido não conste no verbete relativo ao adjetivo *direto* do Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009), constatamos que ele é largamente utilizado na linguagem coloquial.

¹⁰ Extraído de <http://www.mova-se.com.br/comunicacao/not_especiais/2004/setembro/29.htm>. Acesso em: 28 mar. 2010.

¹¹ Extraído de <<http://blogs.abril.com.br/painelautoajuda/2009/11/voce-pode-ter-pensamentos-negativos.html>>. Acesso em: 28 mar. 2010.

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções *x-mente* no português do Brasil

- b. [...] "tomadas pela neurose de não pensar *negativamente*"...
- (10) a. "Tento parar, falar *normal*, mas quando abro a boca para falar sai a fala infantil!"
b. Tento parar, falar *normalmente*...
- (11) a. Fale e navegue ilimitado. [Propaganda da Tim]
b. [...] Fale e navegue *ilimitadamente*.
- (12) a. [O povo] é que fala *gostoso* o português do Brasil.
b. *[O povo] é que fala *gostosamente* o português do Brasil.

A restrição à correspondência de formações morfologicamente complexas como AAs e formações adverbiais em *-mente* não se restringe apenas aos AAs em *-oso*, uma vez que os AAs em *-inho*¹² também não admitem contraparte em *-mente*, como é possível verificar em (13).

- (13) a. Maria come *rapidinho*.
b. *Maria come *rapidinhamente*.

Embora as construções diminutivas em *-inho* não admitam correspondência com formações em *-mente*, a situação é diferente no caso do superlativo: as formações adverbiais com *-íssimo* admitem a contraparte em *-mente*, sem que haja alteração de sentido relevante. Convém destacar que os AAs em *-íssimo*, do ponto de vista funcional, apresentam uma característica peculiar, porque apesar de os AAs, de modo geral, não funcionarem como intensificadores modificando adjetivos, nas construções superlativas em *-íssimo* que modificam verbos há implicitamente a intensificação da forma adjetiva que predica o verbo.

- (14) a. Maria come *rapidíssimo*.
b. Maria come *muito rápido*.
c. Maria come *rapidíssimamente*.

¹² Neste trabalho, entendemos que o grau deve ser considerado como um processo de formação de palavras (cf. BASILIO, 1987, 2004), mais especificamente, de derivação sufixal, no qual o sufixo *-inho* é acrescentado a um radical. Esse radical, no que tange às formações adverbiais, pode ser tanto um advérbio (*cedinho*), quanto um AA (*rapidinho*, *direitinho*).

Esse é um aspecto interessante a ser observado, porque enquanto os advérbios podem funcionar como intensificadores e apresentar construções no superlativo, mesmo com o sufixo -mente (cedíssimo, educadíssimamente), no que tange aos AAs, a possibilidade de intensificação restringe-se às propriedades semânticas do sufixo –íssimo, pois “o superlativo absoluto denota o grau elevado de uma qualidade expressa geralmente pelo adjetivo” (BASILIO, 2004: 72).

3.1.2 – Grau de informalidade do ato de fala

Além das características morfológicas da base, consoante já havíamos mencionado, fatores ligados a aspectos pragmáticos, como o grau de informalidade do ato de fala, também exercem influência no fato de um AA apresentar uma construção correspondente em –mente.

Autores como Basilio (1992, 2004) e Hummel (1999) destacam que o uso dos AAs é comum em situações de interação coloquiais, nas quais o falante utiliza uma linguagem mais informal. Em situações que exigem maior formalidade, é prevista a utilização das formações em –mente, com exceção dos advérbios já cristalizados nesta forma, como *alto*, *baixo* e *rápido*. Alguns advérbios em –mente, como *legalmente*, que remete a algo feito de acordo com a lei, já têm um sentido bastante disseminado, e isso é um fator que inviabiliza a correspondência, num mesmo contexto entre a forma x-mente e o AA, porque o termo gíriático *legal* apresenta outro significado, que não se sustenta na forma em –mente:

- (15) “Você, portanto, que acha que não sabe desenhar *legal* ...”
*Você, portanto, que acha que não sabe desenhar *legalmente*.

Além de *legal*, há outras formações gíriáticas que são usadas como AAs. Dentre elas, destacamos o uso de *geral*.

Na linguagem coloquial, a produtividade, ou seja, a frequência com a qual são usadas construções com *geral* é bastante expressiva. Constatamos que *geral*, em situações de interação informais, do ponto de vista sintático, pode ser utilizado como: a) sujeito (*Geral* saiu cedo ontem); b) objeto indireto (Espalha a novidade pra *geral*); e c) advérbio, como em (16)-(18).

Exercendo a função de advérbio, *geral* não apresenta correspondência de sentido com sua respectiva forma x-mente e pode atribuir aos verbos por ele predicados o significado de: a) inteiramente, conforme (16)-(17); e b) indiscriminadamente (18).

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções x-mente no português do Brasil

- (16) Esculhambou *geral*: Collor entrou para a Academia

"[...] A única diferença real no caso de Collor é que a Academia Alagoana, rasgando definitivamente a fantasia que normalmente encobre esse tipo de armação, *escancarou geral*"¹³. (grifo nosso)

- (17) Apagou *geral*¹⁴. (Ricardo Noblat)

- (18) "O moleque pega *geral*
Pretinha, morena e loura fatal"¹⁵

Apesar de a frequência com a qual são usadas construções com AAs ser bastante expressiva na linguagem coloquial, registramos também exemplos de AAs na linguagem literária e publicitária, como é possível ver em (19)-(22)

- (19) Par=116190: "Mesquinhez não creio, ele gastava *largo* e dava muitas esmolas". [*Esaú e Jacó*, de Machado de Assis]

- (20) Par=118108: "A mão de Poti cerrou *súbito* os lábios da virgem, sua fala parecia um sopro". [*Iracema*, de José de Alencar]

- (21) Voe *fácil*, voe Gol.

- (22) Pense *grande*, pense CEL.

O fato de termos encontrado registros de AAs na linguagem coloquial, em textos publicitários e literários reforça a hipótese de Basilio (1987, 1992 e 2004) e Hummel (1999) de que a conversão de adjetivos para advérbios é um processo produtivo. A produtividade deve ser entendida, nesse caso, não só no que se refere à expressiva utilização do referido processo na formação de advérbios no português do Brasil, como também na frequência com que são usadas construções com AAs.

¹³ Extraído do texto escrito por Júlio Ferreira que está disponível em: <www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=13899>. Acesso em: 13 set. 2009.

¹⁴ Extraído de <<http://arquivoetc.blogspot.com/2009/11/apagou-geralpor-ricardo-noblat.html>>. Acesso em: 17 jan. 2010.

¹⁵ Extraído da música *Pega geral*, de Dudu Nobre.

Gabriela Farley Meireles Zambi

Embora nas construções com AAs, em geral, estes exerçam a função de advérbios qualificadores, registramos também algumas ocorrências em que AAs funcionam como modalizadores asseverativos afirmativos. Passaremos a observá-las a seguir.

3.2 - Adjetivos adverbializados que funcionam como modalizadores

Os AAs que exercem a função de advérbios modalizadores asseverativos afirmativos (cf. MOURA NEVES, 2000) não constituem um grupo muito numeroso em língua portuguesa. Via de regra, são usados em início de turno para marcar a adesão do falante ao que foi dito e/ou perguntado a ele. Pertencem a este grupo os AAs *certo*, *claro*, *correto*, *perfeito*, *lógico*, *exato*, *óbvio* e *positivo*.

Do ponto de vista morfológico, constatamos que o AA morfológicamente complexo em *-nte* (*evidente*), bem como a maior parte dos AAs morfológicamente simples que têm a função de asseverativos afirmativos apresentam uma forma *x-mente* correspondente, sem que haja alteração semântica relevante, conforme se verifica em (23)-(24). Convém destacar que a forma em *-(t)ivo* não admite a contraparte em *-mente*, como vemos em (25).

(23) – Você acha que Marcos virá ao seu encontro?

– *Evidente* que sim.

– *Evidentemente* que sim.

(24) – Professora, todos os alunos farão a prova?

– *Exato* / *lógico*, todos farão.

– *Exatamente* / *logicamente*, todos farão.

(25) – Senhor Carlos, os cães precisam ser adestrados para não correr risco de serem envenenados pelos ladrões?

– *Positivo*.

– **Positivamente*.

Verificamos que um fator relevante no que se refere à equivalência de um AA, que funciona como modalizador asseverativo afirmativo, pela respectiva forma *x-mente* é, assim como no caso dos que exercem a função de qualificadores, o grau de

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções x-mente no português do Brasil

informalidade das situações nas quais ocorrem os adjetivos adverbiais. Essas situações de interação informais constituem-se como ambientes propícios não só à utilização de AAs (cf. BASILIO (1992, 2004) e HUMMEL (1999)), mas também de construções giriáticas com AAs, como se observa em (26).

- (26) – Você pode ir comigo ao shopping amanhã?
– *Tranquilo*. Que horas a gente vai?
– **Tranquilamente*. Que horas a gente vai?

Considerações finais

Examinando a relação entre as formações adverbiais, observamos que alguns fatores influem na possibilidade de um AA apresentar uma forma x-mente correspondente. Esses fatores são: o aspecto funcional dos AAs, as características morfológicas da base e o grau de informalidade do ato de fala.

Do ponto de vista funcional, constatamos que os AAs não predicam adjetivos e advérbios: nem mesmo constituem exceção a esse quadro as formações em –íssimo, já que nestas a intensificação é sufixal, ou seja, a intensificação é feita sobre o adjetivo que serve de base para o processo de conversão para AA, de modo que a intensificação é anterior à conversão.

Do ponto de vista morfológico, verificamos que as características morfológicas da base também se correlacionam com a correspondência entre AAs e formas em –mente, pois a maior parte dos AAs que funcionam como qualificadores e terminam em –nte, -al, -do, -(t)ivo e –íssimo, apresentam uma forma x-mente correspondente, sem que haja alteração de sentido relevante. O mesmo, porém, não se observa com os AAs que têm os sufixos –oso e –inho.

Apesar de termos registrado apenas duas ocorrências de AAs morfológicamente complexos, uma em –nte e outra em -(t)ivo, funcionando como modalizadores asseverativos afirmativos, notamos que embora a forma em –nte admita a contraparte com o sufixo adverbial, a formação em -(t)ivo não apresenta um advérbio em -mente correspondente.

Além das características morfológicas da base, um outro fator que influi no que concerne à equivalência de um AA pela respectiva forma x-mente é o grau de informalidade. Isto se reflete, primeiramente, no fato de que a grande maioria dos AAs

Gabriela Farley Meireles Zambi

ocorre em contextos informais, razão que nos levou a estender nosso *corpus* de análise com a finalidade de obter um número maior de dados do que os que poderiam ser obtidos em *corpora* contendo dados mais formais. Mas, como resultado de análise, observamos também que a maioria das conversões de caráter gíriático não apresenta correspondência com formas em –mente semanticamente equivalentes, como é o caso dos AAs *legal* e *geral* porque são construções mais informais do que AAs como *positivo*, *certo*, *correto*.

Levando em conta as nossas ocorrências de AAs que funcionam como qualificadores e modalizadores, chegamos ao seguinte quadro no que concerne à correspondência entre os AAs e as formas x-mente relativas ao mesmo adjetivo da base: i) ora os AAs não apresentam forma x-mente correspondente; ii) ora apresentam um advérbio em –mente correspondente que, no entanto, tem um sentido diferente do AA; e iii) ora apresentam construções em –mente correspondentes, ou, alternativamente, a locução adverbial “de modo”, sem alteração de sentido relevante. As três possibilidades não apresentam, entretanto, o mesmo peso em sua ocorrência, sendo a alternativa iii significativamente dominante em relação às outras.

Os resultados de nossa análise acerca da relação entre as formações adverbiais no português do Brasil sugerem, portanto, que a grande maioria dos AAs apresenta uma contraparte em –mente, sem que haja alteração semântica relevante.

Ensejamos que os resultados obtidos neste trabalho se constituam como uma contribuição no que se refere ao estudo da relação entre as construções x-mente e os AAs que são formações usualmente encontradas na língua errada do povo, língua certa do povo, porque é ele que, em verdade, fala gostoso o português do Brasil.

Referências

ALI, M. S. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

ARONOFF, M. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: MIT, 1976.

BANDEIRA, M. *Vou-me embora pra Pasárgada e outros poemas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Produtividade e função no processo de formação de palavras no português falado*. Conferência proferida no IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina. Campinas, 1990.

Formações adverbiais: um estudo acerca da relação entre os adjetivos adverbializados e as construções x-mente no português do Brasil

_____. *Flutuação categorial de base adjetiva no português falado*. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II. Níveis de análise linguística. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *Morfológica e castilhamente: um estudo das construções x-mente no português do Brasil*. São Paulo: Delta, vol. 14, 1998.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BARBOSA, M. G. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BECHARA, E. *Moderna gramática do português contemporâneo*. (37ª ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, A. T.; Castilho, C. M. M. *Advérbios modalizadores*. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Vol. II. Níveis de análise linguística. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

COUTINHO, I. de L. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUMMEL, M. *A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica*. Actas do Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999. Disponível em: <http://www.geocities.com/ail_br/ail_htm>. Acesso em: 07 jun. 2009.

ILARI, R. *A categoria advérbio na gramática do português falado*. São Paulo: Alfa, 51 (1), p. 151-174, 2007. Disponível em: <<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v51-1/07-Ilari.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2010.

ILARI, R. et al. *Considerações sobre a ordem dos advérbios*. In: *Gramática do português falado* – Vol. I: A ordem, 1989.

LOBATO, L. M. P. *Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões da variação e da mudança linguística*. In: Votre, S.; Roncarati, C. (orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro, 7 letras, 2008.

MARTELOTTA, M. E. et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. Disponível em: <http://www.discursogramatica.letas.ufrj.br/download/publicacao_livro_gramaticailizacao.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2010.

Gabriela Farley Meireles Zambi

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos de português*. São Paulo: UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa* (retocada e enriquecida). 36^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

ABSTRACT: *This work investigates the relation between different adverbial constructions in Brazilian Portuguese, in order to establish the extent to which syntactic and morphological characteristics of adverbialized adjectives are connected to the potential interchangeability between these constructions and x-mente adverbs in the same syntactic context.*

KEY-WORDS: *Adverb; Adverb formation; Adverbial adjectives; Word formation; Conversion.*